



Aaron Fischer

Carlos Sotto Mayor
cap 4

Aaron Fischer

CAPÍTULO 4

VI

JOIAS

Aaron estava em um carro ainda maior e mais luxuoso do que aquele em que esteve sete dias atrás, quando foi, incerto do que lhe aconteceria, em direção à mansão de Kuma. O painel de madeira, assim como os medidores cromados, garantiam ao veículo um tom suntuoso. Eles já deviam estar há algumas horas andando pela estrada imperial feita de paralelepípedos, com o belo mar cor de safira da costa da pérola à sua direita, beijado pelo sol e, à sua esquerda, uma paisagem seca, composta de pedras de uma cor clara, interpostas por alguns arbustos verdes aqui e ali, e as belas plantações de oliva ao longe.

Eles vinham do subúrbio elemental de Trakto, que fazia a cidade de Bak parecer ainda pior que a Vila do Arpão. Se Trakto já era uma visão impressionante, ele não conseguia nem imaginar quão bela e grandiosa deveria ser a cidade elemental de Lysmat – destino final daquela viagem – e onde deveria, finalmente, encontrar Aurea, a filha do General Balor, o Infernal.

Aaron tinha demorado sete dias para finalmente concordar com o plano de Kuma. Ele via claramente o risco e sabia que, pelo menos no primeiro momento, era o único com algo a perder, uma vez que se fosse descoberto, seria preso e usado pelo Exército Imperial, enquanto Kuma apenas manteria seu status de criminoso procurado. O receio por ter acatado a ideia de alguém que acabou de conhecer

só era superado pela angústia de ter que lidar por algum tempo com uma Elemental “filhinha de papai”. Contudo, Kuma tinha razão em uma coisa: Jonas havia confiado a ele a segurança de Aaron, e ele poderia até não confiar em Kuma, mas acreditava totalmente no seu pai.

— Então, como é essa Aurea, muito mimada?

O mordomo da família Balor, que se apresentou como Alfred, olhava fixamente para a estrada, com cara de poucos amigos, tendo falado apenas seu nome e nada mais, desde que começaram a viagem. O homem baixinho e careca olhou para ele por um segundo, como se não acreditasse que Aaron poderia estar falando aquilo para ele.

— Na verdade não... ela é uma pessoa encantadora. Se é essa a imagem que você está projetando dela, pode se preparar para uma surpresa bem grande.

Aaron sentiu a indignação mal contida na voz do mordomo:

— Como assim?

— Ela vai lhe tratar muito bem. Meu conselho é que você faça o mesmo com ela.

Ele acreditara que Alfred era um aliado de Kuma, no entanto, o homem parecia completamente contrariado com a situação.

— Estou um pouco confuso... Você parece gostar dela.

— E por que isso o confunde?

— Não é óbvio?

O homem virou para olhar para ele por um segundo, a raiva queimando em seu olhar.

— Não é como se eu tivesse opção, não é?... e Kuma me garantiu que não seria feito nenhum mal a Aurea.

— Como assim, pensei que você e Kuma eram aliados...

— Então você realmente não sabe o que está acontecendo...

— Por que você não deixa de mistério e me conta então?

— Já falei demais. — O homem parecia ressentido. — Meu acordo com Kuma era que nem conversaria com você. Se eu contar, ele vai descobrir, então isso terá sido em vão. Mas vou lhe dar um conselho, porque você parece apenas um garoto perdido nas garras de uma criatura tão gigantesca que sequer consegue contemplar seus dentes: não traia Aurea, não faça nada para machucá-la. Ela com certeza é bem capaz de te destruir sozinha, mas mesmo que não fosse, o seu pai o mataria em um piscar de olhos... e me mataria também. — Naquelas últimas palavras, Aaron esperava ouvir medo, mas o homem parecia se importar mais com decepcionar Aurea e Balor, do que com ser morto.

Alfred manteve o olhar fixo em Aaron, a raiva substituída pela agonia de um homem atormentado por suas decisões, até se virar para a estrada e voltar a ignorá-lo.

— Não se preocupe Alfred, não está nos meus planos, nem nos de Kuma, fazer mal a esta garota. Te dou minha palavra.

O resto da viagem passou-se em silêncio, até finalmente chegarem à entrada de Lysmat, conhecida como “a joia do império”. Os portões

de cinquenta metros, os quais estavam abertos, pareciam ter sido esculpidos de um único bloco de um mineral azul cristalino, como o mar que banhava a cidade, chamado de Pedra Mediterrânea. Como se não bastasse a beleza da pedra em si, ela estava encrustada com ouro em forma de galhos de árvore, que nasciam na base de cada portão perto da muralha e cresciam na direção um do outro, ocupando toda sua extensão e formando uma fechadura em seu centro.

As muralhas eram um show à parte, deviam ter quarenta e cinco metros de altura por dez de grossura e eram feitas de uma pedra branca como leite, com veios dourados, como se ouro derretido tivesse preenchido suas falhas. Elas contornavam a cidade inteira até o mar, onde aumentavam de tamanho, ficando com cerca de sessenta metros e continuavam seu trajeto, protegendo o grande porto, onde elas possuíam uma pequena falha, a qual os Elementais chamavam de portão do mar. Por ali passavam os navios que entravam e saiam do porto.

Na linha reta da falha, mais para o fundo do oceano, podia ser apreciada uma das sete maravilhas do mundo: o imenso colosso de bronze de oitenta metros de Nautilus, o primeiro Elemental da água, e, segundo as lendas, fundador da cidade. Nautilus segurava o seu famoso tridente, com suas costas para a cidade e um olhar imponente para o oceano, ameaçando qualquer criatura ou Elemental disposto a atacar. Lysmat parecia brilhar sob o Sol e nem nos seus mais loucos sonhos Aaron imaginou que um lugar pudesse ser tão magnífico.

Uma pequena fila de pessoas e carros se formava, esperando serem autorizados a entrarem na cidade, o que deixou Aaron curioso:

– Onde estão os Comuns?

– Existe uma outra entrada para os Comuns, na parte oeste da muralha. – Alfred lhe respondeu em um tom neutro.

Aaron apenas acenou com a cabeça, nem um pouco surpreso com a resposta, enquanto olhava ainda maravilhado para os portões a sua frente.

A fila de carros andou rapidamente e logo um guarda vestido em um uniforme composto pela mesma casaca e calça dos marinheiros que havia enfrentado (diferindo apenas na cor, sendo estes totalmente brancos), bordados com fios e adornos dourados, no mesmo esquema de cores da muralha que os cercava. Dois escudos estavam bordados no uniforme: um do lado esquerdo, o escudo do Exército Imperial, com Cerberus, o Cão infernal de três cabeças, rugindo no seu centro, e grandes espadas de fio duplo se cruzando em sua base, lhe dando uma forma triangular. Do lado direito, uma representação do colosso de Nautilus, bordada em um fio azul dentro de um escudo em forma de diamante, que Aaron supôs ser o símbolo da guarda da cidade de Lysmat.

– Documentação, por favor. – A abordagem do homem foi educada e Alfred já se debruçava para pegar algo no porta-luvas, quando o guarda voltou a falar. – É o carro do general... perdão, não tinha visto. Podem entrar.

E assim, sem muita dificuldade, Aaron entrou pela primeira vez em uma das consideradas grandes Cidades Elementais do Império. Dentro das muralhas, Lysmat continuava com sua beleza impecável. As ruas estreitas cobertas de paralelepípedo serpenteavam harmonicamente entre as grandes casas de estilo clássico, construídas com pedras

dos mais diversos tipos e jardins multicoloridos, dando um charme especial e romântico. Cada canto e rua possuía um monumento ou um detalhe especial, dando a impressão de a cidade ser em si, uma maravilhosa obra de arte.

Aaron estava anestesiado com a beleza do lugar, algo mágico se revelava a cada curva e, antes que percebesse, chegaram até os fundos de uma enorme mansão construída a partir de uma pedra branca, em estilo clássico, com belos arcos e grandes janelas feitas de madeira.

Dois funcionários fardados abriram o portão e Alfred estacionou o carro:

– Me siga e, por favor, não fale nada.

Aaron concordou com a cabeça, parando apenas para pegar as armas e a pequena bolsa que trouxera com algumas roupas que Kuma havia disponibilizado. No entanto, antes que conseguisse juntar tudo, o mordomo o interrompeu:

– Pode deixar tudo aí, os funcionários irão levar seus pertences para os seus aposentos – Aaron olhou para ele e pegou apenas suas armas. Sustentando o olhar de desaprovação por algum tempo, até que Alfred voltou a falar. – Não é educado entrar armado na casa dos outros...

– Infelizmente terei que ser mal-educado, então. Não irei me separar das minhas armas.

Alfred deu de ombros, como se não acreditasse na petulância do garoto.

– Como queira, mas as primeiras impressões são as que ficam.

O filho do Lobo foi levado pela enorme e rústica cozinha até uma sala de jantar com uma decoração leve, onde a maioria dos objetos possuía alguma referência ao mar: âncoras, marinheiros e gaivotas.

À sua esquerda, em uma cômoda de madeira encostada na parede oposta, ficava uma réplica perfeita de uma galé de três mastros, e, no centro, ocupando a maior parte do lugar, estava uma enorme mesa de tampo branco, ladeada por cadeiras pintadas da mesma cor, com um estofado azul marinho.

Mais além, no cômodo seguinte, ficava uma sala de estar requintada, com um pé direito altíssimo, sofás brancos recobertos de linho e de aparência extremamente confortável. A maioria dos móveis espalhados pela sala era feito de madeira, em uma decoração que trazia um ar praieiro à casa.

O estilo leve da decoração continuava, e as grandes portas de vidro contribuía para a iluminação e o alto astral do lugar. A paisagem era incrível. Os tetos das grandes e belas casas da cidade, descendo em direção ao mar, com seu azul cristalino encantador ao fundo, como uma moldura de um quadro. As embarcações cortavam o mar ao longe, entrando e saindo do porto, sob a vigia da imensa estátua de bronze, brilhando ao sol, guardando a cidade dos perigos vindos do mar.

As mesmas portas de vidro davam para um belo terraço, onde ficavam uma mesa de ferro com desenhos de cerejeira circulada por cadeiras do mesmo material. Uma piscina com borda infinita ladeada por um espaço feito especialmente para cozinhar completava o lugar paradisíaco.

— Por favor, sente-se aqui e aguarde enquanto vou chamar a senhorita Aurea. – Alfred apontou para uma das cadeiras de ferro. – Um dos outros funcionários virá perguntar se deseja alguma coisa para comer ou beber.

O mordomo partiu sem falar mais nada, deixando Aaron para apreciar a vista e refletir consigo mesmo diante da riqueza que o cercava. A imagem da Vila do Arpão e toda sua pobreza invadiu sua mente instantaneamente, trazendo um turbilhão de sentimentos com ela.

Aaron não sentia raiva diante da desigualdade existente, não era isso que fazia seu sangue ferver. Toda aquela riqueza e beleza era algo que enchia seus olhos e seu coração, e o faziam querer que todos na Vila do Arpão pudessem estar ali junto dele. Ele não queria acabar com aquilo, muito pelo contrário, ele queria trazer seus conterrâneos e ele próprio para aquela realidade, ou pelo menos, conseguir dar a eles e seus descendentes a oportunidade de conseguir algo parecido.

O que fazia seu sangue ferver era o descaso com que os Comuns eram tratados. Verdadeiros animais de carga, negados de qualquer oportunidade por lei, seres inferiores aos olhos dos Elementais, e ainda pior, levados a acreditar se tratassem de seres inferiores aos próprios olhos.

— Senhor...? – Uma voz masculina o chamou, lhe tirando de suas reflexões.

Um homem pequeno e careca o encarava, esperando uma resposta.

— O que disse, perdão?

— Não se preocupe. O senhor gostaria de algo para comer ou beber?

– Se fosse possível, eu gostaria de uma água.

– Uma água será, então. Tem certeza que não aceita nada para comer?

– Tenho sim, obrigado!

O homem partiu sorridente para dentro da casa, deixando Aaron sozinho novamente, no entanto, antes que pudesse voltar a naufragar em seus pensamentos, uma voz feminina, conversando com a já familiar voz de Alfred, se aproximou de onde ele estava sentado, fazendo-o se virar procurando a sua dona.

Em sua cabeça, ele não estava muito preocupado em como seria Aurea. Na verdade, ele já havia formulado esta imagem. A mesma imagem que tinha de todos os Elementais: pessoas arrogantes e desprezíveis. Ainda mais a filha de alguém tão importante quanto um dos dois generais do Exército Imperial, criada em meio a tanto poder e luxo. Porém, por algum motivo, seu coração acelerou com a antecipação de conhecê-la, fazendo-o se levantar quase que involuntariamente para recebê-la.

Aurea era linda, ele não podia negar. Seus cabelos dourados, quase cor de bronze, mesmo amarrados em um coque e cobertos de suor refletiam o sol da tarde. Suas feições não eram afiladas, possuíam uma certa robustez, de um maxilar forte e marcante e um nariz relativamente grande, no entanto, os seus traços acabavam se harmonizando, ajudados pelos olhos cor de ouro derretido, lhe dando uma beleza diferente, marcante e, certamente, inegável. A sua camisa de algodão branca, com a manga cortada, quase regata, e seus shorts de treino um pouco folgados, deixavam seus braços e pernas musculosos a mostra, que aliados à sua altura, que era similar

à de Aaron, lhe davam um ar ainda mais intimidador.

Ela exalava poder e confiança, a sua presença parecia se impor sobre o ambiente. Era óbvio que aquela garota não dependia do seu título ou do nome do seu pai para nada, sua aura era o suficiente.

— Senhorita Aurea, este foi o escolhido por mim, como o candidato para entrar para o seu grupo. Se chama Aaron Fischer, do orfanato da cidade de Trakto.

Aaron estendeu a mão para cumprimentá-la, tentando parecer o mais impassível que conseguia. Ela apenas sorriu e apertou sua mão, fazendo Aaron devolver o sorriso sem perceber.

— Alfred diz que você é uma espécie de gênio.

— Acho que gênio é um pouco demais, consigo me virar... Mas calma, eu pensei que já estava no grupo, como assim candidato? – Aaron percebeu aquele pequeno detalhe da fala do mordomo e não iria deixá-lo no ar.

Alfred fez menção de responder, mas Aurea tomou sua frente.

— Não se preocupe, tenho certeza que o Al escolheu o melhor, mas meu pai insistiu em testá-lo pessoalmente antes de realmente patrocinar sua inscrição na Prova dos Elementos ou de colocá-lo no grupo. – Aurea tinha um tom casual, despreocupado.

Aaron parou por um segundo, ignorando inclusive a intimidade com que Aurea tratava Alfred. Uma coisa era enganar uma Elemental mimada, outra coisa muito diferente era enganar um general do Exército Imperial.

– Sem problemas. Apenas mais uma prova para passar. – Aaron deu uma risada sem graça de sua piada ruim, engolindo em seco.

– Ok! Você já almoçou?! – Aurea continuava com sua voz casual e animada.

– Não, nós não paramos na estrada.

– Então você vai almoçar comigo. – Ela se virou para Alfred, sem esperar a resposta de Aaron. – Al, pede para tirarem o nosso almoço, por favor. Só vou tomar um banho rápido e já desço.

Aaron estava surpreso com a maneira que Aurea o estava tratando, assim como a maneira que ela parecia tratar Alfred, no entanto, não baixaria a guarda com apenas uma introdução simpática.

– Eu agradeço, mas não precisa. Posso arranjar um outro lugar para comer. – O seu tom era neutro, quase ríspido.

– Não, eu insisto. – Aurea não deixou espaço para argumentação, já saindo em direção a casa, enquanto falava. – Volto em um minuto!

Ele ainda tentou argumentar, mas ela simplesmente o ignorou, fazendo-o se sentar contrariado para esperar por ela.

Alfred o olhou com um sorriso sarcástico no rosto, falando antes de sair:

– Eu disse...

Ela realmente foi rápida, retornando em um belo vestido branco, feito de um tecido leve, se sentando na cabeceira da mesa, ainda com seu simpático sorriso no rosto.

– Então, Aaron Fischer, me conta um pouco sobre a sua história... – ela parou, parecendo um pouco surpresa. – ...Se quiser, posso pedir para que guardem as suas armas.

Com um sorriso claramente forçado, Aaron respondeu:

– Não precisa, obrigado.

Ela passou alguns segundos olhando para ele, o estudando, antes de dar de ombros e continuar:

– Então, me conta um pouco sobre você.

– Não tem muito o que contar. Nascido e criado em um orfanato, nada de muito diferente ou especial. Você que deve ter muitas histórias para contar... quero dizer, crescer com tudo isso, sendo filha de um general. – Aaron continuava fechado, se utilizando de um pouco de sarcasmo e procurando utilizar a técnica que Kuma lhe ensinou, de responder perguntas com mais perguntas, diminuindo a possibilidade de você ser pego em sua mentira.

– Tive uma infância bem feliz, realmente. Não posso reclamar. – Aurea não pareceu abalada pela leve alfinetada. – Mas não me referia nem a isso, estava perguntando mais quais são suas expectativas para a prova, o que você quer fazer da vida se conseguir entrar para Escola para Elementais de Lysmor, esse tipo de coisa.

– Ah... Então, eu não sei bem. – Aaron só tinha em mente sua vingança para com o Exército Imperial e não parara para refletir sobre qual carreira gostaria de seguir em uma situação normal, agora que sabia que era um Elemental. Quando era mais novo, ele sempre fora apaixonado pelas histórias dos caçadores de recompensa. Homens e mulheres com autorização do império para capturar e matar

os criminosos procurados, ficando com as recompensas por suas cabeças. Porém ele não decidiu externar aquilo, deixando apenas as suas curtas palavras servirem como resposta.

Ele sabia que tinha soado indiferente, mas ele não se importava muito. Por mais que Aurea demonstrasse ser uma pessoa tranquila, com quem ele havia, para sua surpresa, simpatizado, Aaron não estava procurando maneiras de se desviar de seu caminho ou ser seduzido pelos encantos e belezas do mundo Elemental. Ele faria o que tinha que fazer e, para isso, em sua cabeça, não precisava ser simpático com ninguém.

— Entendi... Então você apenas aproveitou a oportunidade e vai ver no que vai dar?

— É, acho que sim. — Aaron, novamente, manteve sua resposta curta e antipática, não tendo a cortesia de devolver a pergunta ou puxar papo.

Aurea continuou com sua simpatia, puxando assuntos leves e descontraídos, tentando quebrar o gelo daquele encontro pouco convencional, afinal, se tratava basicamente de uma entrevista de emprego informal.

Aaron não admitiria, mas o fato da garota não se enquadrar no estereótipo que ele havia criado para os Elementais o estava irritando. Ele não queria gostar dela, ele não queria gostar de nenhum Elemental, mas Aurea o estava tratando tão bem, que chegava a ser inevitável.

Ele continuou a tratá-la de forma cada vez mais ríspida, em um mecanismo de defesa de seu próprio ego e do ódio que sentia pelos Elementais, tentando fazer com que ela perdesse a paciência e se

revelasse alguém mais parecido com o estereótipo “maligno” que ele havia criado em sua cabeça.

– Você está aqui obrigado, Aaron?

– Como assim?

– Não sei... Você veio até aqui, está agarrado às suas armas desde que chegou, estou tentando ser simpática com você desde o começo e você só me dá respostas ríspidas, como se estivesse contrariado de estar aqui. Se for o caso, não se preocupe, você não precisa entrar para o grupo ou fazer a prova dos elementos. Podemos ter um almoço superagradável e posteriormente eu peço para que Alfred o leve de volta para a cidade de Trakto, sem problema nenhum. – Aurea tinha seu olhar dourado e penetrante, fundo nos olhos de Aaron. Seu sorriso havia sumido do seu rosto.

– Então você acha que eu deveria estar aqui agradecendo aos deuses e a você a cada segundo, te babando e babando todos a sua volta, por ter a sorte de ter sido escolhido por sua grandiosa família, por ter conseguido esta oportunidade?... Se for isso, pode esperar sentada. – Aaron controlou seu tom de voz o máximo que pôde, tentando passar um tom quase de desprezo e não de raiva, satisfeito de ter despertado algo ruim em Aurea, e em poder falar algumas coisas que sempre quisera dizer aos Elementais.

Aurea soltou um suspiro, antes de responder:

– Não, não. Eu sei que você teve uma vida sofrida, e eu não e tudo mais, mas você está aqui porque quer. E até entendo você chegar aqui um pouco na defensiva, mas a partir do momento que te tratei bem, não vejo motivos para você continuar se comportando assim.

Aaron respondeu, um pouco mais calmo desta vez, mas sem dar o braço a torcer.

– A coisa da arma eu não sabia que seria interpretado como algo tão ofensivo. Mas, na minha visão, nós não precisamos ser amigos para trabalharmos juntos nesta prova.

– Você tem razão, não precisamos. No entanto, você há de concordar que seria melhor que fôssemos, até porque, se conseguirmos passar, estudaremos na mesma escola por cinco anos. E mesmo que não sejamos amigos, nós temos que pelo menos nos tratar bem. Além disso, com toda essa sua pose de mal aí, você acaba não obtendo algumas informações importantes, como por exemplo quem são os outros integrantes do grupo... Então usa a cabecinha, deixa essa pose aí de lado e vamos conversar tranquilamente, sem tanto “pra que isso”.

Apesar da bronca que recebeu, Aaron gostou da forma de tratar de Aurea. Ele gostava de pessoas diretas e sem enrolação. Ela realmente era completamente diferente de tudo que esperara de uma Elemental na sua posição. No entanto, se um Elemental queria sua simpatia, ele teria que conquistá-la, e não seria fácil.

– Como eu disse, nós não precisamos ser amigos para “trabalharmos” juntos, e não me importa quem sejam os outros integrantes do grupo, contanto que passemos... – Ele abriu um sorriso levemente sarcástico para ela, que ainda fez menção de responder, mas foi interrompida pela profusão de funcionários, começando a servir a comida na mesa. Aurea apenas o fitou, com um ar como se dissesse que quem estava perdendo era ele.

Os dois almoçaram em silêncio. A comida era deliciosa, uma variedade

de peixes frescos, preparados de um jeito extremamente saboroso, diferente do que estava acostumado na Vila do Arpão.

Aaron não parou de comer até que toda a comida da mesa houvesse acabado, quando colocou a última garfada em sua boca, ele viu Aurea olhando para ele do outro lado da mesa, com um ar levemente impressionado.

— O que foi!?! – Ele desconfiava que ela estava impressionada com a quantidade de comida que ele havia acabado de ingerir. Na Vila do Arpão, deixar sobrar comida era considerado falta de educação. Não era sua culpa se os funcionários serviram aquela quantidade.

— Nada não... – Ela deu uma risadinha. – Eu vou dar uma volta na cidade, que estou com um pouco de saudade. Eu lhe convidaria, mas como eu sei que se você vier vai ficar com essa cara feia, nos vemos mais tarde! – Aurea se levantou, deixando o guardanapo que estava em seu colo na mesa.

Aaron apenas olhou para Aurea, se divertindo:

— Sem problemas. Que horas devo chegar aqui amanhã, para ser avaliado pelo seu pai?

— Ele deve chegar por volta das oito da manhã, mas você não tem com o que se preocupar, porque você irá dormir aqui em casa.

Foi a vez de Aaron rir antes de responder.

— Eu não vou não.

— Eu não me importo que você seja chato do jeito que você é. Se você está no meu grupo e vai dormir na cidade, você vai dormir

na minha casa. Eu sei que você não entende, mas isso se chama gentileza... além do mais, ainda posso lhe irritar mais um pouco à noite... – Apesar do tom de divertimento de Aurea, ficou claro que ela falava sério.

– Veja, eu agradeço a gentileza, mas eu prefiro arrumar alguma estalagem ou taberna onde eu possa dormir.

– Vamos Aaron, um lugar para dormir aqui na cidade vai custar uma fortuna que você nem imagina! A pé você demoraria algumas horas para chegar no subúrbio Elemental e mais algumas horas para voltar amanhã. Aceite o convite.

Aaron parou, pela primeira vez estudando a fundo a garota que estava em sua frente.

– Por que você está sendo tão gentil?

– Já te disse, pode ser que você faça parte do meu grupo e um bom líder une as pessoas. – Aurea abriu um sorriso convencido ao se autointitular líder do grupo. – E não me custa nada. Tem quarto o suficiente na casa, e eu vou colocar dois guardas na frente da sua porta, só para garantir que você não é nenhum psicopata.

Aurea tinha um ar traquina em sua voz, deixando Aaron sem saber se ela falava sério ou se estava brincando sobre os guardas. Ele não queria ceder, mas a ideia de uma noite tranquila de sono naquela casa o atraía demais. Se as camas da estalagem do Moe já pareciam ser feitas de algodão para ele, Aaron não conseguia nem imaginar como seriam as camas daquela mansão.

– Ok. Está decidido então. Estou indo, que ainda quero pegar a cidade clara. – Aurea partiu, sem esperar a resposta de Aaron, parando ao

longe para gritar um último aviso. – Qualquer coisa que precisar é só pedir a um dos funcionários. E eu não sairia da casa sozinho, é bem fácil de se perder!

CLÃS E POLÍTICA

Era uma noite refrescante, com a agradável brisa do mar balançando seus longos cabelos pretos, deixando visível a pele morena de seu rosto e seus olhos negros e tempestuosos, no topo do terraço da mansão alugada para servir de apoio para sua missão. Ela deveria agir sozinha, para que tudo corresse da forma mais discreta possível, e isso não a incomodava, tinha plena confiança em suas habilidades. Para ela, o fator complicador era que não poderia matar seu alvo, mas sim sequestrá-lo e deixá-lo no ponto de encontro combinado.

Ela sabia que aquele era um grande voto de confiança que o clã estava lhe dando. Era sua oportunidade de assumir uma posição de maior importância, mas ela não esperava que o alvo do contrato fosse alguém daquele nível...

Seus informantes viram a garota andando sozinha pela cidade, confirmando a inteligência fornecida pelo clã. O momento para agir era aquela noite pois no dia seguinte, o pai da garota chegaria à Lysmat, e assim que ele colocasse o pé dentro das muralhas, ela se tornava intocável.

A lua emitia uma fraca luz, o suficiente apenas para que enxergasse o telhado da grandiosa casa da família Balor, a algumas dezenas de metros de distância. A janela, que segundo suas informações pertencia ao quarto de Aurea Balor, refletia a imagem do astro celeste de maneira perfeita, como se marcasse um alvo para Laina.

Quando o relógio na torre mais alta da catedral de Lysmat, iluminado

por cristais artificiais e visível à distância, marcou três horas da manhã, ela começou a agir. Laina tinha o seu corpo completamente coberto por tatuagens dos mais variados animais – nenhum animal comum – ela tinha se certificado daquilo. Todos os animais marcados em sua pele, com seus espíritos, eram animais Elementais, que ela havia caçado e matado, adicionando-os a sua coleção. Seu poder permitia que ela, de certa maneira, tatuasse em sua pele o espírito de todos os animais que ela matasse com suas próprias mãos, podendo dar forma àqueles espíritos por um determinado período de tempo, obrigando-os a obedecê-la.

A sua tatuagem do macaco de olhos estrelados brilhou na noite escura, saindo de sua pele como se fosse um líquido prateado, tomando a forma do animal: um símio de pelagem rosa claro, seu peito musculoso e sem pelos tinha uma tonalidade azul viva. Olhar para seus olhos era como olhar para um céu límpido de uma noite de verão tomado de estrelas, com suas luzes hipnotizantes.

O animal a fitava contrariado, esperando suas ordens. Ela tocou em seu ombro e deixou que a conexão mental existente entre os dois fizesse o resto. Ambos desapareceram na noite, como se puxados pelos belos olhos do macaco, reaparecendo silenciosamente alguns milésimos de segundo depois, sobre o telhado da mansão dos Balor.

O macaco de olhos estrelados foi puxado de volta para a pele de Laina, retomando a cor e a textura da tinta à medida que a tatuagem voltava a aparecer em seu braço direito.

Quando finalizou o processo, uma nova tatuagem voltou a brilhar. Desta vez em sua barriga definida e musculosa, fazendo aparecer um urso de mais de três metros na sua frente. O urso-tormenta,

apesar do seu tamanho, flutuava a alguns centímetros do chão, seu corpo era feito literalmente de uma tempestade, com nuvens escuras e pesadas, e alguns raios emitindo estalos baixos enquanto serpenteavam pelo corpo da criatura. As únicas partes feitas de um material sólido eram suas garras e seus olhos amarelos e assustadores.

Laina podia sentir a fúria e o poder do animal, tentando se rebelar contra ela. Apenas manter a tempestade minimamente controlada dentro do corpo da besta para que não fizesse barulho, já era um grande esforço. Ela precisava ser rápida.

A mulher misteriosa entrou no “corpo” do urso-tormenta, ignorando os choques que tomava, e ordenou que ele atravessasse o telhado com ela em seu interior. O animal atravessou as telhas, a madeira e o forro como um fantasma, fazendo o corpo de Laina formigar intensamente todas as vezes que atravessava algum material sólido. Era uma sensação enervante, que ela odiava. Eles aterrissaram no chão do quarto de Aurea Balor, sem nenhum incidente, e a criatura voltou para seu lugar, na barriga de Laina.

Ela estava prestes a seguir com o próximo passo do seu plano, quando se deparou com algo inesperado: uma barreira de energia cor de bronze formava uma espécie de casulo protetor ao redor de Aurea Balor, que a olhava alerta, sentada na cama.

Em um pulo a garota se levantou, assumindo uma posição de combate, com o campo de força ainda presente:

— GUARDAS! – Aurea não parecia assustada e seu grito era carregado de liderança e comando.

Laina xingou baixo, contrariada, antes de invocar mais uma de suas

criaturas na sua frente: saindo de sua perna direita, surgiu uma serpente-de-armadura, um réptil gigantesco de escamas negras e duras, similares a uma cota de malha, sua boca e cabeça cheias de dentes grossos e poderosos, mais parecidos com os de um crocodilo encurtados, do que com de uma cobra propriamente dita.

A besta mal cabia no quarto, com seus mais de vinte metros mas, mesmo assim, ela avançou destruindo tudo em seu caminho, afundando as paredes com seu corpo, enquanto se preparava para envolver a garota e seu campo de força. Laina não precisava quebrar a barreira de energia, bastava levá-la viva para o local de encontro. Mas antes que seu animal conseguisse fechar a armadilha, a garota recorreu para o único caminho que havia para escapar, pulando com força para cima, fazendo um buraco no teto e aterrissando no telhado.

Laina a seguiu, montada na serpente-de-armadura, que a levou até onde Aurea a esperava, o olhar ainda determinado e destemido. Mais algumas tatuagens brilharam em seu corpo e novas criaturas apareceram ao seu lado, descendo de volta até o quarto para lutar contra os guardas da mansão, enquanto ela avançava com as telhas que cediam sob o peso do réptil, dificultando seu movimento. Aquele trabalho estava se mostrando bem mais difícil do que ela imaginara, então decidiu mudar a sua abordagem:

– Vamos garota, se você vier comigo pouparei os seus guardas lá embaixo. – Laina falava enquanto descia de sua montaria.

– Você os subestima e me subestima.

Laina soltou uma breve risadinha, antes de respondê-la:

- Eu não estou aqui para matá-la, só preciso levá-la até um lugar.
- Eu não vou a lugar algum com você.

Para sua surpresa, a garota partiu para cima dela, desfazendo o seu casulo protetor e o substituindo por uma espada longa, de apenas uma lâmina na sua mão direita e um escudo imponente na sua mão esquerda, ambos feitos da mesma energia cor de bronze, o que fez Laina abrir um sorriso largo.

Até aquele momento, o que vinha mantendo a garota a salvo era seu campo de força aparentemente impenetrável, mas agora, existiam várias aberturas em sua defesa. Em poucos segundos, Laina fez surgir ao seu lado, o macaco de olhos estrelados, utilizando sua habilidade para se teletransportar para o lado direito de Aurea, alguns centímetros acima dela no ar, a atingindo com um poderoso chute de cima para baixo contra sua têmpora, antes mesmo que a garota conseguisse esboçar qualquer reação.

A cabeça de Aurea atingiu o telhado com força, afundando-o quase ao ponto de quebrá-lo. Laina aterrissou ao seu lado, falando em seu ouvido.

– Acho que quem está me subestimando é você. – Ela tinha um tom neutro na voz, como se estivesse dando uma informação trivial.

Aurea virou-se para encará-la, seu olhar ainda sem muito foco. Laina podia sentir o gosto da vitória, enquanto levantava a mão para desferir o golpe que terminaria aquela pequena luta. Sua mão desceu com força e agilidade, mas foi bloqueada pela mesma energia cor de bronze, no entanto, ela estava diferente, parecia mais escura, mais poderosa.

Laina pressentiu o golpe, pulando para trás, enquanto encarava Aurea, levemente surpresa. O casulo havia retornado, no entanto, agora possuía uma forma humanoide, envolvendo cada membro da garota mais de perto, e entre ele e a pele de Aurea se formaram ossos, feitos de pura energia. Um esqueleto completo cor de bronze, revestia seu corpo como uma armadura, envolto por mais uma fina camada de energia, flutuando a alguns centímetros de distância.

Ela sentia o poder cada vez maior que emanava da garota, enquanto Aurea sorria por debaixo do crânio que escondia parcialmente sua boca.

Aquela era uma visão macabra, no telhado da nobre mansão dos Balor, sob a fraca luz da lua, uma linda garota, recoberta por um esqueleto avançava contra uma sombra, rodeada por criaturas assustadoras.

...Alguns minutos antes.

Aaron acordou alarmado com o grito de Aurea, procurando por sua lança ainda um pouco tonto, sem entender o que estava acontecendo. O barulho de coisas sendo esmagadas e destruídas apressaram-no para fora do quarto.

No corredor, quatro guardas já corriam em direção aos aposentos da garota, com as armas desembainhadas, mas foram surpreendidos por criaturas incríveis, que surgiram destruindo as paredes do longo corredor, vindos dos vários cômodos da mansão e os pegando de surpresa.

Um dos guardas foi empalado pelos chifres de um animal, semelhante a mistura de um rinoceronte e um lobo, servindo de sacrifício para

que os outros três conseguissem desviar das bestas para se reagrupar e tentar um contra-ataque.

Para Aaron, aquilo tudo parecia uma cena vinda de alguma história contada pelos velhos pescadores da Vila do Arpão e todas as suas, nem tão verdadeiras, aventuras no mar. Por um segundo ele se perguntou se ainda não estava na bela e confortável cama, sob as cobertas, em um sono embalado, vivendo alguma espécie de sonho. No entanto, a dor do impacto contra seu ombro direito, que o mandou voando contra a parede do quarto do lado oposto, fazendo-o quase atravessá-la, o fez acreditar que aquilo tudo era real.

A criatura musculosa, de pelos brancos, investiu novamente, o obrigando a saltar para o lado, de modo que ela levasse abaixo a parede onde ele esteve enfiado poucos segundos antes. Ela se virou irritada e ele pôde ver melhor o animal à sua frente. A besta era de certa forma humanoide, com pelo menos três metros de altura, braços extremamente longos e fortes, um rosto feral, com uma boca gigantesca e sem lábios, deixando a mostra seus enormes dentes, que pareciam ser feitos de gelo, assim como os chifres que saíam de cada lado de sua cabeça, e suas garras e as estacas que despontavam de cada cotovelo.

A besta pulou, cobrindo a distância entre eles com facilidade, a boca aberta, mirando o seu pescoço. Sem muito espaço para se movimentar, com toda a confusão que acontecia, Aaron cruzou a lança em sua frente, segurando-a horizontalmente com as duas mãos para impedir que a mordida o atingisse. Novamente ele foi jogando contra a parede, a criatura mordendo furiosamente o cabo da sua lança, enquanto tentava arranhá-lo com as garras.

Aaron a chutou com força no peito, fazendo-a destruir uma nova parte da parede oposta. Ele olhou para sua lança, que agora estava quase completamente congelada, assim como o corte em sua costela esquerda.

O rosnado enfurecido veio, junto com a besta, que avançou se utilizando de toda seu peso e força para voltar para o corredor destruindo o que estava a sua frente, Aaron fez um potente movimento circular com sua arma. No entanto, a lança se prendeu contra o vão de uma das portas, desacelerando-a. Seu uso ficou extremamente limitado pelo pouco espaço do ambiente. Aaron ainda olhou para a criatura uma última vez, antes que ela o atingisse, levando-o ao chão.

Seu bafo frio e fedido vindo da bocarra à poucos centímetros do seu rosto, sua baba congelada, grudada ao pelo branco, balançado de forma estranha... Aaron não podia acreditar, não fazia nem um mês que ele virara Elemental e já passara pelas situações mais bizarras de sua vida. Mas aquela superava qualquer expectativa, ser morto por um monstro da neve, em um ataque noturno, enquanto dormia em uma mansão, que pertencia a um general e ficava localizada em uma cidade de veraneio, era algo realmente único.

Por um momento de estranheza, ele se imaginou contando sua própria morte para os seus amigos da Vila do Arpão, e todos eles rindo, lhe dizendo para aprender a mentir. No entanto, antes que seu destino triste, mas hilário se concretizasse, uma grandiosa explosão atingiu o topo da mansão, levantando poeira e mandando coisas voando por todos os lados.

Aaron aproveitou o momento de distração para acertar a garganta da criatura, fazendo-a afrouxar a pressão que colocava sobre o seu

corpo, imobilizando-o. Era o suficiente para que ele conseguisse, com suas pernas e braços, empurrar o animal para longe, jogando-o vários metros no ar para longe de si.

Sem tempo para pensar, e ainda sem entender direito o que estava acontecendo, ele correu em direção a origem da explosão. Aaron nunca admitiria, mas ele estava preocupado com Aurea, algo naquela garota o havia ganho instantaneamente.

Aaron andava cegamente pela nuvem de poeira, dois dos animais jaziam desacordados nos escombros, assim como os três guardas. Ele gritou:

— AUREA!!!

Ele sentiu um puxão na sua mão direita, que quase o derrubou. Ele se virou, preparado para lutar, mas deu de cara com Aurea, seu rosto uma mistura de poeira e sangue:

— Nós temos que sair daqui, ela é forte demais. Se segure em mim com toda sua força, independente do que aconteça! – Ela não parecia esperar uma resposta de Aaron, que apenas concordou com a cabeça.

— Não tão rápido, garotinha! – A voz veio em um grito raivoso, a sombra de sua dona visível através da poeira.

— Te vejo na próxima, sua filha da puta!! – Uma esfera circular, feita de um mineral prateado e marcado por runas começou a brilhar na mão de Aurea, enquanto ela abria uma sorriso vitorioso para a figura misteriosa.

Em uma fração de segundos, algo que Aaron mal conseguiu processar, a figura misteriosa surgiu ao seu lado, acompanhada de um macaco

colorido, se agarrando ao seu braço. No momento que ele sentiu o aperto da mulher contra o seu bíceps, todos eles foram puxados de forma violenta pela esfera na mão de Aurea, desaparecendo na noite.

Aaron sentiu tudo girar, a força centrífuga o expulsando para longe de Aurea e seu mineral, o peso extra agarrado a seu tronco, forçando ainda mais os músculos do seu antebraço, que se agarravam firmemente a ela.

Tão abruptamente quanto começou, terminou. Aaron sentiu o chão cortar sua pele enquanto ele rolava com velocidade para longe de Aurea e da mulher misteriosa, até parar se chocando contra uma parede irregular, feita de uma pedra escura e coberta de musgo.

Laina sentiu ser arremessada para longe do garoto misterioso, a quem havia se agarrado na intenção de ser teletransportada junto com Aurea pela Pedra do Mágico, como era conhecido aquele tipo de artefato rúnico.

Ela aterrissou em pé, já preparada para continuar sua luta com Aurea. Elas se encontravam em uma caverna escura, iluminada apenas por alguns cristais artificiais que flutuavam no ar. A iluminação era precária, no entanto, ela conseguia ouvir o som das ondas do mar, vindo de algum lugar atrás de onde Aurea a encarava, seu semblante ainda mais confiante do que antes.

Ela avançou para cima da garota, no entanto, um Sjöal esmagador surgiu na caverna, fazendo-a parar no meio do seu movimento. O ar que enchia seus pulmões pareceu esquentar instantaneamente, quase queimando seu sistema respiratório.

Ao lado de Aurea, surgiu Balor, o Infernal, um homem alto, de ombros

extremamente largos, vestindo o característico uniforme preto, bordado em fios de prata do Exército Imperial. A capa prateada que lhe caía sobre os ombros, denunciava sua patente de general. Em sua mão estava uma outra Pedra do Mágico, igual à da sua filha. O poder que aquele homem emanava era algo assustador, muito além do que ela imaginara. Chegava a ser algo palpável, o gosto e a temperatura do ar haviam se alterado apenas com sua presença.

A fúria queimava em seus olhos dourados, adornados por uma volumosa e bem aparada barba cor de bronze, que não conseguia esconder seu maxilar marcante. Mesmo naquela situação, Laina não deixou de perceber sua beleza intimidadora.

Ela sabia que havia assumido um risco gigante ao ser teletransportada às cegas junto a Aurea e, agora, ela teria que lidar com as consequências.

Com uma velocidade assombrosa, Balor atingiu Aaron, sem se importar com quem era ou de que lado estava aquele garoto misterioso. Com um potente soco, ele quebrou seu nariz e afundou seu corpo contra a pedra que formava a caverna no processo. O som do golpe ecoou de forma sinistra pela estrutura rochosa danificada.

Balor, o Infernal, então parou, com o primeiro adversário eliminado. Ele direciona toda sua fúria e poder na direção de Laina, fazendo o gosto amargo do medo surgir em sua boca, e seu estômago revirar de uma forma que ela nunca experimentara antes. Era a primeira vez que ela encarava a sua própria morte tão de perto. Ela estava certa que tinha em seu olhar o mesmo brilho desesperado, que vira tantas vezes nos olhos de suas vítimas.